

Terminei. Mas peço licença à Mesa para acrescentar ao que ouvimos uma outra leitura, esta mais breve.

Como o ilustre auditório sabe, Teilhard de Chardin deixou uma vasta obra de carácter científico, no campo das suas especialidades de geólogo, paleontólogo e antropólogo. Mas deixou igualmente uma obra imensa de reflexão de carácter filosófico e, sobretudo, cristológico, produzida a partir das suas observações como cientista.

Porque, a meu ver, se enquadra na ordem de reflexões que acabámos de escutar ao Prof. Abbatucci sobre os enigmas do universo e da vida, não resisto a ler-vos – mais uma vez em tradução minha – uma pequena nota datada de 1950, escrita por Teilhard de Chardin para responder a um inquérito da revista *Les Nouvelles Littéraires* :

« O que é a vida ?

A esta questão penso que, pelo esforço convergente da física, da química, da biologia e da história planetária, nós começamos a ver desenhar-se uma resposta, a qual gostaria de explicitar por meio das três seguintes proposições:

1. Duma maneira absolutamente geral, poder-se-ia dizer que a vida (definida pelos seus principais atributos de assimilação, de reprodução, de hereditariedade e de consciência) se apresenta hoje

à ciência, já não como uma anomalia físico-química, mas como a forma extrema tomada, sob certas condições (temperatura favorável, duração suficiente de transformação, etc.), por uma *propriedade universal*, geralmente dissimulada, do tecido cósmico. O que equivale a dizer que a vida pode ser legitimamente olhada como em pressão, desde sempre e em toda a parte, no universo, e, onde quer que ela tenha surgido, intensificando-se tanto quanto pode, nas imensidades do tempo e do espaço.

2. Mais precisamente, a vida tende cada vez mais a aparecer-nos, cientificamente, como um *efeito específico de complicação corpuscular*, ligado à edificação de partículas muito grandes e muito complexas. Apesar da presença de numerosos limiares críticos, com efeito, é sem qualquer ruptura que prossegue a curva conduzindo das grandes moléculas aos seres multicelulares e sendo esta curva precisamente aquela segundo a qual emergem (saindo dos jogos do acaso e dos grandes números) os efeitos «vitais» de indeterminação, de *self-arrangement* e de consciência.
3. Posto isto, entre esta misteriosa deriva do mundo, levando a estados cada vez mais complexos e interiorizados, e a outra deriva (muito mais estudada e melhor conhecida) que arrasta o mesmo mundo para estados sempre mais simplificados e

exteriorizados, - entre estas duas derivas, direi eu, haverá alguma relação ? E qual ? Os dois movimentos (vida e entropia), quantitativamente (dir-se-á) duma importância impar, não serão eles da mesma amplitude, da mesma ordem, e, de algum modo, complementares um do outro ? E, nesse caso, sob que forma se pode prever o equilíbrio final do fenómeno ? É nesta questão última que tende talvez a reverter e a formular-se, para a ciência de amanhã, o enigma essencial do universo. »

*Teilhard de Chardin, in Les Nouvelles Littéraires, 2 de Março de 1950,
Respondendo a um inquérito de André George*